

O ENTRELUGAR DAS PAISAGENS NA EDUCOPÉDIA: REFLEXÕES SOBRE A ATUAL POLÍTICA TECNO-CURRICULAR DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Ana Paula Pereira Marques de Carvalho – UERJ

O período entre o fim do século XIX e o início do século XX marcou a história mundial com grandes desafios no que se refere à sobrevivência da humanidade. Hobsbsaw (1995) intitula esse período como a Era da Catástrofe com duas grandes guerras, ondas de rebelião, revoluções globais e crises econômicas. Por outro lado, o interregno de 1914 a 1970 foi considerado a Era de Ouro com tecnologias revolucionárias, triunfos da ciência, revolução nos transportes e nas comunicações (Hobsbsaw, 1995). Não nos cabe aqui traçar uma linha do tempo entre séculos com suas distintas temporalidades. Mas é importante citar as contradições exacerbadas, as disjunções históricas do século XX, para resgatar uma memória que traz implicações e desafios para o século XXI. Desafios relacionados aos nativos digitais, “navegadores” das complexas infinitudes de um mundo cibernético que nos apresenta novos sujeitos, novos conhecimentos e traz uma nova ordem ao caos ou melhor, um novo caos à suposta ordem educacional.

A contemporaneidade cinde enigmas para os educadores, detidamente para as políticas curriculares hibridizadas às políticas tecnológicas, as quais chamamos de políticas tecno-curriculares. Nesses tempos disjuntivos (Appadurai, 2004), referendamos o híbrido de Bhabha (2007) para irmos além da mera justaposição de palavras. No nosso entendimento, “tecno-curricular” se caracteriza pela ambivalência e pelos conflitos inerentes às políticas curriculares e tecnológicas que promovem múltiplos sentidos à interpretação dos sujeitos que nelas estão envolvidos. O Município do Rio de Janeiro deu rumos, em 2009, à sua política tecno-curricular com a plataforma *online* Educopédia que se propõe a consagrar um universo virtual interligado às orientações curriculares para as escolas do Município do Rio de Janeiro. O objetivo da plataforma é viabilizar o acesso dos professores e alunos do Município à nova proposta curricular, composta pelas *Orientações Curriculares*, *Cadernos de Apoio Pedagógico*, *Lista de Descritores* e *Avaliações bimestrais*, aplicadas em todo o ensino fundamental da Rede cujos resultados são acompanhados pela Secretaria Municipal do Rio de Janeiro (SME/RJ).

O atual Prefeito Eduardo Paes¹ assumiu a gestão do Município com uma proposta enfática de melhoria dos índices de avaliação da educação, supostamente deficitários em função da proposta curricular anterior, Multieducação, que vigorou de 1993 a 2008

¹Eduardo Paes foi eleito em 2008 e reeleito em 2011, prorrogando sua gestão até 2015.

(Marcondes & Oliveira, 2012). No *site* da Secretaria Municipal de Educação, encontramos a ressalva de que para atender à maior rede pública de ensino da América Latina, a nova política curricular, implantada em 2009 e ainda em vigor, está calcada num trabalho pedagógico cujo objetivo geral é dar um salto na qualidade da educação no Rio de Janeiro, através da elaboração da política educacional, coordenação, implantação e avaliação dos resultados (SME/RJ, 2012).

Posto isso, sob a égide da “qualidade” e da “avaliação”, o Município do Rio tem procurado angariar adeptos à plataforma Educopédia, a fim de sedimentá-la nas escolas. Esse é o cerne da discussão do presente texto, pois a volúpia dada à utilização da tecnologia merece um olhar mais atento a algumas questões que alicerçam esse hibridismo tecno-curricular das políticas do Município do Rio. Ball (1997) já nos permite alguns ensaios ao ressaltar que o contexto de influência pode se valer de “ajustes secundários” para garantir a propagação e a pretensa fixação de ideias. Isso nos ajuda num primeiro momento a pensar que a Educopédia pode estar sendo utilizada como um recurso heurístico articulador para tornar as propostas curriculares mais palpáveis e “simpáticas”, por assim dizer, aos sujeitos a que se destinam.

Os estudos antropológicos, apontados por Appadurai (2004), e os estudos culturais refletidos por Bhabha (2007), complementam e ampliam essa análise de Ball (1997), na medida em que trazem um olhar cultural mais próximo da contemporaneidade, permitindo-nos discutir sobre o conglomerado dessas novas interações rizomáticas (Deleuze e Guattari, 1987 *apud* Appadurai, 2004) advindas desse espaço cibernético.

Estamos numa fase inteiramente nova das relações com a vizinhança, mesmo daqueles muito distantes de nós, o que requer teorias do desenraizamento, da alienação e da distância psicológica entre indivíduos e grupos por um lado, das fantasias (ou pesadelos) da contiguidade electrónica, por outro, para o entendimento dos fluxos culturais globais da atualidade em que uma nova ordem complexa e disjuntiva se apresenta. (Appadurai, 2004, p. 45).

Exatamente por causa dessas disjunturas e dos novos processos culturais globais em que a imaginação passa a ser considerada como prática social, consideramos importante recorrer às “paisagens” para discutir essa política tecno-curricular sob a perspectiva das cinco dimensões dos fluxos culturais globais, trabalhadas por Appadurai (2004): “etnolaisagens”,

“tecnopaisagens”, “mediapaisagens”, “financiopaisagens” e “ideopaisagens”. Cabe esclarecer que Appadurai (2004) utiliza o sufixo “paisagem” para destacar a forma fluida desses horizontes — construções que ele chama de perspectivadas, ou seja, o prisma de análise depende da localização histórica, linguística e política dos diferentes atores — Estados-nação, empresas multinacionais, comunidades da diáspora, bem como grupos e movimentos subnacionais. O alicerce para a construção dessas paisagens são os “mundos imaginados, isto é, os múltiplos universos que são constituídos por imaginações historicamente situadas de pessoas e grupos espalhados pelo globo” (Appadurai, 2004).

A Educopédia sob a perspectiva das paisagens

A primeira paisagem trabalhada por Appadurai (2004) são as “etnopaisagens”, compostas pelas pessoas que estão em constante deslocamento e vão tecendo as necessidades que engendram o movimento das políticas. Podemos atrelar a essa discussão, o ciclo de políticas de Stephen Ball (2009) que concebe a produção política, no caso em questão a tecnocurricular, como um fluxo contínuo que perpassa por entre os contextos de influência, produção de texto e prática. É importante destacarmos, subsidiados em Appadurai e Ball, que o movimento constante das “etnopaisagens” envolve um processo de interpretação e reinterpretação das políticas ao transitarem por entre os contextos. A partir do contexto da prática em que atuam as escolas é que se dá o processo de realimentação para o contexto de influência, nascedouro das ideias políticas. Porém, devemos acrescentar que esse processo de retorno (realimentação) tem suas disputas de poder e de sentidos que vão se deslizando nas ambivalências, produzindo novos sentidos. A disputa de poder e de hegemonia é constante e é isso que movimenta o fluxo das políticas.

No caso da Educopédia, nessa disputa de poder, a Secretaria Municipal de Educação parece tentar utilizar artifícios que segundo Ball (1997) são os “ajustes secundários”, já mencionados, para enraizar seus discursos e sentidos da plataforma *online*, e conseqüentemente das propostas curriculares junto às escolas. Um grupo de professores, intitulados embaixadores, articuladores e coordenadores pedagógicos educopedistas, foi selecionado pela Secretaria Municipal de Educação para disseminar e conseguir adesão às novas propostas e, assim, no jogo político, reforçar a propagação dos discursos de qualidade, performatividade e avaliação.

Adiante nas paisagens, as “tecnopaisagens” representam as configurações globais da tecnologia que hoje rompe fronteiras antes impenetráveis. As “financiopaisagens” são os

mercados de capitais, as bolsas nacionais e a especulação comercial que se movem numa velocidade estonteante. Appadurai (2004) observa que essas três paisagens – “etnopaisagens”, “tecnopaisagens” e “financiopaisagens” – relacionam-se de maneira disjuntiva porque cada uma depende de incentivos políticos, informacionais ou técnico-ambientais. O importante é que o movimento de uma paisagem, seja um movimento humano, fluxo tecnológico ou transferências financeiras serve de parâmetro e até constrange o movimento da outra paisagem (Appadurai, 2004).

Tomemos como exemplo o “boom” tecnológico que se espalhou nos anos 90 pelo cenário educacional brasileiro, fortemente vinculado a incentivos financeiros e propostas de empréstimos do Banco Mundial e da Unesco. A fim de atender às prerrogativas dos órgãos internacionais, o Governo Federal instituiu a Secretaria de Educação à Distância, em 1995, que trouxe em seu bojo programas como a TV Escola, o ProInfo (Programa Nacional de Informática na Educação), o PAPED (Programa de Apoio à Pesquisa em Educação à Distância), visando exclusivamente à capacitação dos professores no uso das tecnologias (Barreto, 2002). Observamos a influência dos empréstimos internacionais – “financiopaisagens” – orientando de maneira contundente a política nacional, voltada para a introdução da tecnologia em sala de aula.

As últimas paisagens que nos abrem um leque de discussões em relação à Educopédia são as “mediapaisagens” e as “ideopaisagens”.

As *mediapaisagens* referem-se à distribuição da capacidade eletrônica para produzir e disseminar informação. O aspecto mais importante destas *mediapaisagens* é que fornecem (especialmente sob a forma de televisão, cinema e cassete) vastos e complexos repertórios de imagens, narrativas e etnopaisagens a espectadores de todo o mundo, e nelas estão profundamente misturados o mundo da mercadoria e o mundo das notícias e da política.

As *ideopaisagens* são também concatenações de imagens, mas são muitas vezes directamente políticas e com frequência têm a ver com ideologias de Estados e contra-ideologias de movimentos explicitamente orientados para a tomada do poder do Estado ou de um bocado dele” (Appadurai, 2004, p. 53-54).

Essas duas paisagens – “mediapaisagens” e “ideopaisagens” – são fundamentais para a análise do que a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro tem proposto em relação à Educopédia. Personagens e discursos têm sido propagados com o intuito de dar visibilidade à plataforma. Por exemplo, consta no *site* da Educopédia, que a plataforma tem impactado positivamente em vários quesitos educacionais: aumentou a motivação dos alunos, levou os professores a refletirem sobre suas práticas, aproximou professores e alunos, aumentou a motivação dos professores e melhorou a disciplina durante a aula (foram entrevistados diretores, professores e alunos cariocas) (Educopédia, 2013). A propaganda é uma forma de incentivo à utilização e uma tentativa de mostrar a positividade da plataforma.

Conclusões para além das paisagens

O ponto crucial para a análise do papel da Educopédia sob a perspectiva das paisagens é perceber a reinterpretação e reconfiguração das ideias e dos discursos sobre a referida plataforma *online* pelo contexto da prática – as escolas – na produção de sua própria micropolítica. Mais ainda, é mister compreender os movimentos políticos como contingenciais. Desse modo, podemos sair do lugar comum e ir além das narrativas, analisando os discursos e sentidos que emanam nos entrelugares, nos espaços de intersecção por onde perpassam as políticas. Analisar essas paisagens é trabalhar na fronteira, num encontro com o novo como ato insurgente de tradução que na realidade é um *continuum* constantemente reconfigurado. Concluímos o presente trabalho com o horizonte de que as ideias e os discursos, ao imiscuírem-se no contexto da prática, promovem escapes, num fluxo contínuo de fechamento provisório. Nesse mundo tecnológico, o nem um, nem outro, o Terceiro Espaço, instiga-nos a uma leitura diferenciada dos papéis da tecnologia no espaço escolar em meio a essa temporalidade disjuntiva. Tempos de idas e vindas que Bhabha (2007) considera como o “aqui e lá, *fort/da*, para lá e para cá, para frente e para trás”.

Referências bibliográficas

APPADURAI, A. **Dimensões Culturais da Globalização: a modernidade sem peias**. Lisboa: Teorema, 2004.

BALL, S. J. **Education reform – a critical and post structural approach**. Philadelphia: Open University Press, 1997.

_____. **Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional**. Entrevista concedida a Jefferson Mainardes e Maria Inês Marcondes. Educação e Sociedade, Campinas, v. 30, n. 106, p. 303-318, 2009.

_____. **Performatividade, Privatização e o Pós-Estado do Bem-Estar**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1105-1126, 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

BARRETO, R. G. **A apropriação educacional das tecnologias da informação e comunicação**. In: LOPES, A. R. & MACEDO, E. (orgs.) Currículo: Debates Contemporâneos, São Paulo: Cortez, v. 2, p. 216-237, 2002.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HOBBSBAWN, E. J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARCONDES, M. I e OLIVEIRA, A. C. P. **O coordenador pedagógico, os professores das séries iniciais e as novas políticas curriculares da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro**. São Paulo: Junqueira & Martins Editores, 2012.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. Conheça a Secretaria. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?article-id=94101>. Acesso em: 30 nov. 2012.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. Educopedia.

Disponível em: <http://www.educopeia.com.br>. Acesso em: 30 mar. 2013.